Gozo e posição subjetiva: Algumas considerações a partir do romance O arrebatamento de Lol V. Stein.[1]

Daniela Scheinkman Chatelard

No Seminário *Os problemas cruciais da psicanálise*, Lacan trabalha a questão do sujeito na psicanálise. No ano seguinte, no Seminário dedicado ao *Objeto da psicanálise*, ele retoma a questão sob a ótica da topologia, para tratar o sujeito e o objeto da psicanálise. Por fim, Lacan prossegue com o Seminário *A Lógica da Fantasia* retomando estes dois termos: sujeito e objeto.

Em alguns momentos, quase fugazes de uma psicanálise, o sujeito percebe seu ser de gozo, pois se confronta com o que ele fora como objeto para o Outro. Assim, deve passar por um desvio em torno da questão de sua existência: *o que sou?* «Sou no lugar de onde se vocifera que o universo é uma falha na pureza do Não-ser», conforme a frase famosa que Lacan toma emprestado de Valéry, para mostrar que o gozo fala, ou seja, o gozo cuja «falta tornaria vão o universo»[2].É esse gozo mesmo, cuja falha torna o Outro inconsistente, esse gozo atribuído ao Outro, ainda que gozo do próprio sujeito, esse gozo encontrado no momento mesmo de sua destituição, no momento mesmo em que percebe seu ser de gozo. Pelo fato de que o Outro não existe, «só me resta imputar a culpa ao Eu [*Je*], isto é, acreditar naquilo a que a experiência nos conduz a todos, com Freud na dianteira: ao pecado original»[3].

Para tanto, vamos recorrer ao texto *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento*[4*] *de Lol V. Stein*, em 1965, no qual Lacan aborda o que restou do objeto *a*, do que não tem imagem do lado da inconsistência, ou seja, do lado da vacuidade, espaço vazio que ele vai situar em sua topologia, no centro do *cross-cap*; no caso de O *Arrebatamento de Lol V. Stein*, é *o objeto olhar*, definido como o objeto que está no centro de todos os olhares. Este momento de vacuidade é privilegiado, já que mostra ciaramente o instante da redução do objeto a objeto em estado puro. Quando

[1] Trabalho apresentado no VII Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano em Novembro de 2006-BH. *Gozo:Modalidades e Paradoxos.*

[2] Lacan. Subversion du sujet et dialectique du désir (1998, p. 834).

[3] *Ibid.*,(p. 820).

[4*] Neste romance, M. DURAS vai jogar com o termo *Ravissement*, traduzido em português por *deslumbramento*, mas que também significa *arrebatamento, rapto.*

Lol V. Stein cessa de ser o centro de todos os olhares e presentifica-se ela mesma como puro olhar - olhando mas sem estar num lugar de vidente – pois renuncia a olhar, mas se sabe olhada; está assim reduzida ao objeto em estado puro, aquele que substitui o brilho do objeto, do objeto agalmático. Percebe-se ao longo do romance as mudanças de posição da personagem Lol e onde estaria situado seu ponto de gozo, que para ela ficara intocável, por tratar-se de um romance.

Lacan, em *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento*[5*] *de Lol V. Stein*, em 1965, coloca o que restou do objeto *a*, do que não tem imagem, do lado da inconsistência, ou seja, do lado da vacuidade. Comecemos por esta passagem na qual confrontam-se, pela primeira vez, Lol e aquela que lhe rouba seu objeto de amor, Anne-Marie Stretter:

«Lol, de repente imóvel, olhara avançar, como ele [Michael Richardson], aquela graça abandonada [trata-se de Anne-Marie Stretter], curvada, de pássaro morto. Ela vestira aquela magreza, lembrava-se claramente Tatiana, com um vestido preto de forro duplo de tule igualmente preto, bem decotado. Ela queria ter aquele corpo, estar assim vestida, e assim estava seu desejo, irrevogavelmente. A ossatura do corpo e do rosto se adivinhava. Tal como aparecia, tal, doravante, ela morreria, com seu corpo desejado».

Pouco depois se coloca uma questão: Anne-Marie Stretter «olhara Michael Richardson ao passar? Varrera-o com aquele não-olhar que ela lançava sobre o baile? Era impossível sabê-lo, é impossível saber quando, por conseguinte, começa minha história de Lol V. Stein".

Após a cena inicial do baile, quando Lol V. Stein fora o centro dos olhares, algo se rompeu naquele lugar, onde ela era o centro dos olhares, precipitando-a numa espécie de errância transitória, dolorosa, da ordem de uma quase despersonalização. Ao despertar, dez anos foram assim decorridos desde aquele instante, daquele desmaio, até o início da rememoração; e nisso consiste o romance: «Uma vez terminado o baile, a noite acabada, uma vez tranqüilizados os próximos quanto a seu estado, essa história se apaga, adormece, pereceria, durante dez anos». Nesse ínterim, Lol V. Stein consegue sair do não-senso, desse vazio, buraco onde caiu, por meio da amarração fálica: casa-se, tem três filhos e pare-

[5] Neste romance, M. DURAS vai jogar com o termo *Ravissement*, traduzido em português por *deslumbramento*, mas que também significa *arrebatamento*, *rapto*.

ce viver bem durante essa dezena de anos. A partir da amarração fálica, ela empreende esse trabalho de rememoração, a instalação simbólica desse real que brutalmente a invadiu, e a deixou desarmada, não amada, expulsando-a do centro dos olhares, e virando-a para uma posição de quem olha e até de ser olhada. Lacan aborda essa leitura pelo viés de um sujeito que está deslumbrado e representa a própria beleza do objeto, da face brilhante, agalmática e bela do objeto, até o momento em que se despe o objeto, sua nudez revelando os ossos do sujeito. Por amor, Lol estava paramentada de todas as virtudes. Naquela noite, todos os olhares eram o seu[6]. Ora, Anne-Marie Stretter desviou o olhar de Michael Richardson que vestia Lol até ali, «essa imagem de si com a qual o Outro nos reveste», a imagem narcísica *i(a)*, desapossando-a de sua identidade e de sua razão. Freud encara a nudez do lado do pudor, isto é, do lado fálico. Lacan considera igualmente a falicização do corpo, mas dá um passo a mais, tomando essa questão pela face do parceiro no amor, como sendo quem reveste a mulher com uma imagem que a veste. O que veste uma mulher é a imagem oferecida pelo parceiro, a partir da própria imagem dela. Lol está «desvestida, inconsolável, inconsolável». Quando se furta essa imagem que veste uma mulher, Lacan, em *Homenagem a Marguerite Duras*, coloca a questão: «O que é que há por debaixo?» Em outras palavras, se uma mulher não tem mais essa imagem, está confrontada com o vazio, com a vacuidade: *sob* há a ausência. A nudez não está *sob* o vestido, mas sobre o vestido que lhe dá seu brilho fálico; *sob* a imagem é a vacuidade, a ausência do falo. Por esse viés, Lacan explica a primeira cena do romance, a do baile, quando "Lol é simplesmente furtada de seu amante", isto é, ele deve ser seguido no tema do vestido, o qual suporta aqui a fantasia a que Lol se apega no tempo seguinte, de um além cuja palavra ela não soube encontrar. «Ele a teria lentamente despido de seu vestido preto e, no tempo que teria levado para fazê-lo, uma grande etapa da viagem teria sido vencida. (...) Esse gesto não teria acontecido sem ela: ela está com ele carne a carne, forma a forma. Os olhos selados a seu cadáver. Ela nasceu para vê-lo. Outros nasceram para morrer. (...) O corpo comprido e magro da outra mulher teria aparecido pouco a pouco. E, numa progressão rigorosamente paralela e inversa, Lol teria sido substituída por aquela mulher, num sopro apenas. Lol retém esse sopro: à medi-

[6] Podemos fazer a aproximação com a cena do *Homem dos lobos*, os olhares dos lobos constituindo seu próprio olhar sobre a cena primitiva em toda sua estrita fixidez.

da que o corpo da mulher aparece para esse homem, o seu se apaga, se apaga, volúpia do mundo. (...) O vestido de Anne-Marie Stretter arrancado bem devagar, o aniquilamento de veludo de sua própria pessoa, Lol nunca conseguiu levá-lo a seu termo»[7].

O segundo tempo desse romance está constituído em torno da tríade Lol, Jacques Hold e Tatiana: «Todo olhar será o seu, Lol, como Jacques Hold fascinado, quanto a ele, vai se declarar pronto a amar 'Lol inteira'». Lol está, então, de volta a sua cidade natal, com Jean Bedford, seu marido, e os três filhos, sem nenhuma lembrança da cena do baile, do acontecido, daquela noite em que fez um corte entre esse dois tempos de sua vida; houve, pois, uma escansão temporal em sua história: «E começa de novo: as janelas fechadas, seladas, o baile emparedado em sua luz noturna teria contido todos os três e só eles. Lol está segura disso: juntos, teriam sido salvos da chegada de um outro dia, de outro, ao menos.»

«O que teria acontecido? Lol não vai mais longe no desconhecido para o qual se abre esse instante. Ela não dispõe de lembrança alguma, nem mesmo imaginária, não tem idéia alguma desse desconhecido. Mas crê que lá devia penetrar, que tinha de o fazer, que teria sido para sempre, para sua cabeça e para seu corpo, pois deles a maior dor e a maior alegria confundidas até em sua definição tornada única, mas inominável na falta de uma palavra. Gosto de pensar, como a amo, se Lol é silenciosa na vida é que acreditou, no tempo de um raio, que essa palavra podia existir. Na falta de sua existência, ela se cala, teria sido uma palavra-ausência, uma palavra-buraco, tendo no centro um buraco cavado, esse buraco onde todas as outras palavras teriam sido enterradas». Lol volta a sua cidade natal e traz consigo a amnésia daquele instante que foi sua vida, um instante de esvaecimento do sujeito, não tendo tido nela a passagem ao ser, ao ser do dizer, embora tenha havido uma existência e uma ex-sistência do sujeito.

A segunda época transcorre de novo em Tahla, e temos os três personagens: Tatiana Karl, Jacques Hold e Lol V. Stein. O encontro os amarra, juntos, num jogo de amor e de corpo, e faz Lol mudar de posição, passando de centro dos olhares ao estado daquela que olha, sem no entanto ser vidente; mas «o que se passa a realiza», realiza a redução do sujeito a objeto, ali onde

[7] Duras, *Le ravissement de Lol V. Stein*, Gallimard, (1964, pgs. 49-50).

está o olhar, e demonstra-se quando Lol fa-lo surgir em estado de objeto puro: «Nua, nua sob seus cabelos negros»: frase pronunciada por Lol e dirigida a Tatiana Karl que está entre ela e Jacques Hold; essa frase, essas palavras da boca de Lol «engendram a passagem da beleza de Tatiana à função de mancha intolerável que pertence a esse objeto[8]. Esse *contar-se três*, presente no romance, aparece como uma espécie de enamoramento entre esses personagens, e, ao final, leva Lol à loucura, uma loucura[9] intimamente ligada a seu ser, a sua existência e, paradoxalmente, à inexistência de A mulher[10]. É no momento em que Jacques Hold vem obsedar Lol com um cuidado excessivo, no fim do romance, na estrada, ao «trazê-la de uma peregrinação ao lugar do acontecimento, que Lol fica louca»[11]. Desfaz-se, então, o nó a três:

«A noite caía quando cheguei ao Hotel dos Bosques. Lol viera antes de nós. Ela estava dormindo no campo de centeio, cansada, cansada por nossa viagem.» Lol permanece em seu deslumbramento, não pede para ser compreendida, prossegue sua viagem, sua viagem íntima e sem limite, está deslumbrada[12] [é arrebatada]. Ela se realiza ali, naquele enamoramento a três que aliena seu ser, reduzindo-a ao estado de objeto puro e fazendo-a ex-sistir em seu ser de mulher e em seu deslumbramento [arrebatamento]. Realiza-se, e o que se passa a realiza, nesse ser a três. Jacques Hold quer «fazer dois» com ela e sair dessa contagem a três (e ele, mais particularmente, por ser o parceiro de Lol, sendo a voz do relato do romance, o narrador). Nessa hora, ela permanece em sua loucura, em sua solidão, quando surge a possibilidade de subtrair um elemento nessa conta a três.

O romance começa pela furtadela, por uma perda: quando o amante retira seu vestido, despe-a de sua imagem, desvelando-lhe a nudez. Lol fica desapossada de sua imagem fálica, do significante fálico, esse significante correlacionado com o Outro, com o encontro da inexistência de A Mulher, ou seja, desse furo ou deste lugar onde o ser está em desamparo pelo fato de sua (des) amarração fálica, da falta de um significante que o represente. No romance, esse momento marca-se pelo desmaio de Lol, redobrado pela amnésia decorrente do episódio. O sujeito aí é ausente, vazio.

Quanto à personagem de Lol V. Stein, havíamos proposto a seguinte hipótese: no momento em que o Outro a despe de sua

[8] Lacan. *Hommage fait à Marguerite Duras*, (1985, p. 11).

[9] Não colocamos essa loucura na ordem da psicose, Lol não sendo um caso clínico, mas uma ficção; entendemos essa loucura como um instante de «despersonalização» de seu ser, de um momento que toca um ponto de real em sua existência.

[10] Voltaremos a esse ponto, que aqui nos limitamos a introduzir.

[11] Ibid.

[12] O verbo empregado em francês por M. Duras tem sentido ambíguo: *ravir* é tanto *deslumbrar*, quanto *arrebatar, raptar*.

imagem, rouba-lhe o vestido, sua fantasia é abalada, não sustentando mais o desejo do sujeito, algo nessa tela é rasurado. Esse encontro com o gozo imputado ao Outro, com seu ponto de vazio, de inconsistência, leva Lol a experimentar algo do próprio gozo dela, do gozo de A mulher. A mulher - assim como o significante do Outro- está barrada, não existe. Ela só tem existência se passar ao dizer, ao ser do sujeito. Se não há significante universal que possa representar o Outro nem representar A mulher, há ao *Menos-um* existente sob a forma do significante fálico: o *Um* existe e faz barreira ao não-todo.

A fantasia de Lol toca em seu objeto, em seu ser, em seu gozo, e culmina em *A* mulher a partir de seu encontro, no segundo tempo do romance, com *o Um-a-Menos* sob a figura de Jacques Hold, na medida em que ele tenta subtraí-la dessa «conta a três».

Não poderíamos pensar que, só a partir do momento em que o dizer de Jacques Hold significa-lhe seu amor, Lol encontra o gozo do Outro sexo em sua solidão feminina? Ou seja, poderíamos sugerir aqui a seguinte leitura: o signo de amor recebido de Jacques Hold faria Lol encontrar o Outro gozo. Aqui podemos pensar em uma outra função do amor de um homem por uma mulher, não mais de um amor que veste e dá uma identidade ao ser, à essência feminina, como fora o caso com Michael Richardson, mas de um amor que a faria gozar, por fazê-la aceder ao Outro gozo. Aceder ao gozo silencioso, parceiro solitário do ser feminino, ser situado entre esta pura ausência e a pura sensibilidade.

referências bibliográficas

DURAS, Marguerite. *Le Ravissement de Lol V. Stein*. NRF. Paris: Gallimard, 1964.

LACAN, Jacques. *L'hommage fait à Marguerite Duras du Ravissement de Lol. V. Stein*. Ornicar?, 34. Paris: Navarin, 1985.

LACAN, Jacques. Subversion du Sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In: *Ecrits*. Paris: Seuil,1966.

resumo

À questão: *o que sou?* «Sou no lugar de onde se vocifera que o universo é uma falha na pureza do Não-ser», conforme Lacan tomando emprestado de Valéry, para mostrar que o gozo fala, ou seja, esse gozo cuja «falta tornaria vão o universo». Para tocar na questão do gozo, escolhemos recorrer ao texto *Homenagem a Marguerite Duras, pelo arrebatamento de Lol V. Stein*, em 1965: nele Lacan aborda o que restou do objeto *a*, do que não tem imagem do lado da inconsistência, do espaço vazio, situado em sua topologia no centro do *cross-cap*. Em o *Deslumbramento de Lol V. Stein*, *o objeto olhar* define-se como o objeto que está no centro de todos os olhares. Lol V. Stein cessa de ser o centro de todos os olhares e presentifica-se, ela mesma, como puro olhar: olhando, mas sem estar no lugar de vidente, já que renuncia a olhar, mas se sabe olhada. Ao longo do romance, vamos perceber as mudanças de posição da personagem Lol e onde estaria situado seu ponto de gozo, que para ela ficara intocável, uma vez que se trata de um romance.

palavras-chaves:

Gozo, olhar e posição subjetiva.

abstract:

What am I? To answer this question, Lacan borrows from Valéry, 'I' am in the place from which a voice is heard clamouring 'the universe is a defect in the purity of Non-Being'", demonstrating that pleasure itself speaks, that very pleasure "whose absence would render the universe meaningless". In his 1965 text, Homage to Marguerite Duras on The Ravishing of Lol V. Stein, Lacan explores the question of pleasure with a discussion concerning what remains of object *a*, that for which no image exists on the side of the unconscious, the empty space Lacan places in his topology at the center of the *cross-cap*. In The Ravishing of Lol V. Stein, it is the *gaze object*, defined as the object at the center of all gazes. It is the moment when Lol V. Stein ceases to be the center of all gazes and presentifies herself as being pure gaze. She no longer looks from the point of view of a seer, having given that up, but with the awarenes of one who knows she is being seen. As the novel unfolds, we perceive the character's changes of position in relation to pleasure, a point whose fictional condition renders it forever unchangeable.

key words

Pleasure, gaze, subjective position.

recebido

10/02/2007

aprovado

05/04/2007